

CLÁUDIA DE ARRUDA CAMPOS

# A difícil captura

<sup>1</sup> Segundo as informações contidas na edição, Park Honan é autor de uma biografia de Jane Austen que se tornou um *best-seller* e sucesso de crítica.

**P**ublicação recente da Companhia das Letras, *Shakespeare – uma Vida*, de Park Honan, escapa de repetir as repetidas biografias do poeta/dramaturgo inglês. Honan, professor de literatura renascentista, ao dedicar-se a um gênero híbrido como a bio-

grafia (1), parece bastante à vontade com os meios e instrumentos do historiador, o que lhe permite rastrear uma vastidão de documentos e operar, com eles, a elaboração capaz de dar vida às circunstâncias que envolveram a vida e a arte de Shakespeare.

O objeto deste artigo é o livro de Honan, mas, em se tratando de Shakespeare, fica difícil resistir à tentação de principiar por algumas notas à margem do objetivo, certamente lugares-comuns, já que muito se escreveu sobre o poeta e sua obra.

Do que se escreveu, o mais importante pode ser resumido no que foi dito (entre outros por Bloom) quanto a ter Shakespeare “inventado” a psicologia do homem moderno. Foi ele o primeiro a dar forma sensível a certas emoções próprias do indivíduo que emerge com a era moderna. E não apenas captou, sintetizou e dramatizou essas emoções, como também, ao dramatizá-las, é como se as tivesse difundido, divulgando modelos nos quais os homens, ainda hoje, se reconhecem, ou, pelo contrário, modelos que, atizando disposições retrógradas, ou anseios progressistas, provocam atrito e contestações.

Brecht, que lê Shakespeare em perspectiva histórica, vê o poeta/dramaturgo, e os elisabetanos, como vivendo entre dois

mundos, o do feudalismo em declínio e o do capitalismo nascente, incorporando conflitos e choques de valores daquele momento. As novas classes emergentes, com seu *ethos* individualista, fazem novas demandas – em amor, ambição, pensamento, relações familiares – as quais desafiam a ordem feudal decadente (2). Para Brecht, do ponto de vista feudal, as novas formas de amor (Romeu e Julieta), de pensamento (Hamlet), a ambição (Macbeth), o novo amor-próprio (Ricardo III) são mortais, enquanto, para o ponto de vista burguês, mortais são as restrições impostas pela ordem feudal. Nesse limiar entre um mundo que declina e um novo mundo que desponta, no plano da emergência do indivíduo e seu embate com a ordem social é que Shakespeare encontra os tons, caracteres, temas e tramas com que compõe sua obra.

Creio que, com isso, já se disse o bastante para explicar a permanência da obra de Shakespeare e o interesse que se tem mantido vivo, já ao longo de alguns séculos. Se não os seus poemas, suas peças atingiram, para além de seus cultores eruditos, o gosto popular, ainda que muitas vezes viessem a cena de forma degradada, esbatida sua carga poética, acentuadas as emoções mais sangrentas (3). As peças suscitaram, ainda, como se sabe, várias versões, tanto teatrais como cinematográficas, mais fiéis, ou mais transformadoras em relação aos textos originais.

Tanto interesse pela obra tem provocado o interesse pela vida do autor, principalmente porque, nesse caso, há um mistério

que nos desafia: por que, entre tantos artistas seus contemporâneos, teria sido o mestre de Stratford o único capaz de conceber obra de tal completude que nos deleita e traduz? De que meios especiais disporia? Que condições lhe teriam sido particularmente favoráveis? Será possível encontrar, para o fenômeno, explicações outras que não aquela capacidade que não compreendemos inteiramente e à qual chamamos genialidade? Assim, o poeta já foi objeto de várias biografias, nunca satisfatórias, frequentemente fantasiosas. A esse tipo de obra se opõe o trabalho de Park Honan:

“Biografias que imaginam para o dramaturgo papéis políticos, relacionamentos sexuais ou intrigas pitorescas que não têm base nos registros factuais. Reconstruções criativas e elaboradas teorias psicológicas podem ser divertidas, mas, a meu ver, abusam um pouco da nossa credulidade” (p. 11).

E assim voltamos a esta que não pretende ser mais uma biografia – quase 600 páginas vergadas ao peso de múltiplos documentos de variada espécie. Se nem tudo é descoberto de Honan (nem o poderia ser ao tratar-se de vida e obra já tão remexidas), creio que não se erra ao dizer que nunca antes tantos documentos foram examinados e apresentados na mesma obra, nem coordenados e subordinados com o rigor e coerência deste *Shakespeare – uma Vida*.

O próprio Honan indica uma das razões que tornaram possível o surgimento de um trabalho desse porte: a qualidade alcançada,

**CLÁUDIA DE ARRUDA CAMPOS** é professora de Teoria Literária e Literatura Comparada da FFLCH-USP.

*Shakespeare – uma Vida*, de Park Honan, trad. Sonia Moreira, São Paulo, Companhia das Letras, 2001.

2 Ver, a respeito: Margot Heinemann, “How Brecht Read Shakespeare”, in J. Dollimore e Sienfield (orgs.), *Political Shakespeare – Essays in Cultural Materialism*, 2 ed., Manchester, Manchester University Press, 1994.

3 Lawrence W. Levine, em seu *Highbrow/Lowbrow – The Emergence of Cultural Hierarchy in America* (Harvard University Press, 1988), recupera, nessa direção, aspectos bastante curiosos da recepção de Shakespeare nos Estados Unidos, nos séculos XVIII e XIX.

hoje, pela pesquisa relativa à época elisabetana, que vem trazendo à luz novas informações sobre Shakespeare, sua família, amizades, carreira. Acrescentaria que esse tipo de pesquisa se deve bastante às novas tendências dos estudos históricos no século XX, que ensinaram a historiadores e pesquisadores afins a importância de dados antes desprezados por sua miudeza (em cuja lista entram itens como alimentação, vestuário, costumes e até o mexerico), e que liberaram os historiadores de uma função meramente descritiva, animando-os a interpretar, a conectar fragmentos e dar-lhes sentido.

Assim opera Honan, a quem nada parece escapar – do grande plano político da Inglaterra elisabetana à política local da pequena Stratford; das representações de sucesso na Corte ao mambembar dos grupos teatrais em tempos de vacas magras, quando a peste fazia fechar os teatros londrinos; da elaboração poética e cênica ao olho prático posto sobre os lucros; do monumento aos singelos artefatos do fabricante de luvas. Quem se interesse pelo teatro e sua história encontrará no livro de Honan um dos mais vivos painéis que se poderiam compor do movimento teatral de um determinado período. Recupera-se a arquitetura dos teatros, sua localização, na periferia de Londres, indício que, somado a outras informações, nos dá o caráter algo marginal da atividade. Segue-se a constituição de grupos teatrais, a história de alguns deles, seus deslocamentos, formas de representação, repertório, o qual, aliás, era bastante variado, costumando-se mesmo apresentar uma peça diferente a cada dia da semana, o que nos leva a pensar na grande demanda de novos textos a cada temporada.

Ficamos sabendo as formas de sustentação econômica das companhias. Cobravam ingressos, tanto em Londres quanto nos espetáculos dados em localidades do interior. Dependiam de um nobre que as patrocinava para as apresentações na Corte. Se as companhias podiam contar com grande número de integrantes, tudo indica que os ganhos fossem bastante diferenciados, já que apenas alguns membros

figuravam como sócios e atores principais, restando aos contratados papéis secundários a que se somavam as outras tarefas técnicas ou operacionais para a realização dos espetáculos.

Ao quadro de Honan não faltam as rixas que envolveram figuras do meio teatral, embates, panfletos, maledicências, o sarcasmo e discriminação de que Shakespeare foi alvo por não compartilhar da origem e formação comum aos dramaturgos da época. Com efeito, estes não eram, como Shakespeare, atores, mas letrados com formação superior em Oxford ou Cambridge. A impressão pode dever-se a inclinações pessoais, mas, de todo o livro, nada me pareceu tão intenso, tão bem realizado quanto esse percurso pelo movimento teatral do período elisabetano.

Quanto à obra de Shakespeare, Park Honan vai examiná-la da forma que permite os limites de seu livro. Para alguns capítulos é mesmo a obra que fornece o título e o fio, como em “Ao Sul da Torre de Júlio César”, “As Questões de Hamlet” ou “Contos e Tempestades”. A abordagem, feita do ponto de vista histórico, privilegia as relações das obras com as questões do tempo vividas, ou provavelmente vividas pelo poeta. Assim, por exemplo, *Hamlet* associa-se principalmente a vários problemas relativos ao movimento teatral do período de concepção da peça. Honan, porém, professor de literatura, não deixa de emitir juízo de valor, nem de incursionar pela análise de aspectos internos da composição, com destaque para temas e tramas. É aí que, por vezes, certo incômodo pode vir assombrar quem privilegia o ponto de vista literário.

Honan tem a preocupação – justíssima – de acentuar o fato de que a obra de Shakespeare não pode ser produto apenas de modelos literários. Nela, os mitos são enriquecidos pela observação, pela vivência, de modo tal que caracteres e sentimentos escapam ao descarnado das abstrações. O biógrafo, porém, exige-se o esforço de buscar até a experiência mais particular, mais direta, que pudesse explicar o vívido, o impressionante do realismo

shakespeariano. Se em *Hamlet* o crime no interior da família é o gerador da crise, Honan descobre dois assassinatos em família, por envenenamento, que certamente estariam presentes na mente de Shakespeare quando escrevia a peça, uma vez que ligados à propriedade que o dramaturgo adquire na ocasião.

Até aí nada a objetar, embora o detalhe não pareça trazer maior contribuição à compreensão da obra. O realmente desconfortável começa quando o biógrafo trata de relacionar elementos importantes da obra de Shakespeare a situações apenas possíveis de sua vida pessoal.

Para continuarmos com *Hamlet*, e ficando em apenas um exemplo, Honan entende que a peça tem em seu centro o amor filial e ofereceu a Shakespeare a oportunidade de “abordar as tensões cada vez mais complexas da vida doméstica elisabetana” (p. 347). Pois bem, mas o autor prossegue:

“Shakespeare parece escrever a partir de sua própria experiência com relações familiares [...]. Tanto o pai quanto a mãe de Shakespeare ainda estavam vivos quando ele escreveu *Hamlet*, e, intimamente ligada à incomparável força criativa da peça, está a habilidade do autor de mostrar, de um ponto de vista de quem está dentro, a pressão dos laços emocionais de uma família. Shakespeare voltava para casa a longos intervalos para ver seus pais, irmãos, esposa e filhos, e carregava-os consigo na memória. Embora palpavelmente perdidos para ele, seus familiares permaneciam presentes em sua imaginação” (pp. 347-8).

O “parece” não salva inteiramente o texto de questionamento quanto ao risco de relações mecânicas, pouco mediadas, mas o resguarda de censuras por inferências a partir de proposição insuficiente. Presente por toda parte, o “parece” parece ser o grande personagem da escrita de Park Honan – o “parece” e toda a família de expressões modalizadoras.

É compreensível que assim aconteça. Primeiramente, não obstante a extensa pesquisa, faltam documentos, testemunhos

referentes especificamente ao dramaturgo, e o preenchimento de lacunas, as deduções a partir do material disponível precisam ser feitas e enunciadas com cuidado. Assim, Honan, ao mesmo tempo em que discorre sobre descobertas e certezas, expõe o processo de investigação, no qual permanecem indagações, suposições, afirmações sobre hipóteses.

O trabalho é particularmente difícil quando se tem como um dos objetivos reconstruir, com instrumentos da história, uma personalidade, e personalidade que não deixou de si sequer uma imagem física confiável. Processo e resultados, por certo, não poderiam ser muito diferentes do que enuncia Honan na introdução a sua obra:

“Quanto ao tema da personalidade de Shakespeare, minha intenção foi fazer dele o assunto implícito de todos os capítulos deste livro; no fim, contudo, Shakespeare não será nem definido e nem categorizado de forma mais fechada do que qualquer um de seus sonetos ou peças” (p. 16).

O que não se compreende, ou se compreende menos, é a oscilação que leva, por vezes, a afirmar o menos provável e expor de forma modalizada o mais provável. Exemplifico. Falando dos primeiros tempos de vida do poeta, tempos de peste, afirma-se: “Em épocas como essa, acendiam-se fogueiras nas ruas. As janelas ficavam fechadas; as portas não admitiam visitas. Quando bebê, William provavelmente viveu numa casa quente e muito pouco arejada” (p. 39). Páginas adiante lê-se que “quando Gilbert era bem pequeno, William estava no seu quinto ano de vida e recebia muito carinho. Um dos seus maiores dons era a capacidade de compreender sentimentos e isso com certeza foi estimulado por Mary (4). As heroínas de suas comédias são notáveis por sua estabilidade e engenhosidade, e não deixam de ser comoventes e vulneráveis mesmo quando, como Julia ou Rosalinda, são espertas e capazes” (p. 45).

Ora, seria mais fácil exprimir certezas, ou quase certezas, quanto às condições da casa do que quanto ao teor dos sentimentos.

4 Mary Shakespeare, mãe do poeta.

Nada, nem mesmo no rico levantamento realizado por Honan, permitiria mais do que supor que o pequeno William recebesse carinhos. Além disso, nem as possíveis relações com a mãe explicam tão diretamente o caráter das heroínas shakespearianas, nem este permite mais do que aventar como hipótese um aprendizado da mulher junto aos carinhos maternos.

Essa mesma relação com a mãe dá-se como, no mínimo, conflitiva em outra parte do livro, em trecho que se inicia com observação pertinente quanto a processo de criação do dramaturgo:

“Longe de criar dramas a partir do nada, Shakespeare elaborava tensões, respondia a lembranças marcantes, a pressões intensas, constantes ou penosas e até à mais pura amargura – o que equivale a dizer que era como o resto de nós, dadas as esperanças, os arrependimentos e os desesperos que invadem todas as psiques. Mas *Hamlet* pode sugerir que a dinâmica de Shakespeare tinha muito mais a ver com sua mãe do que com seu pai e que havia uma relação entre Mary Shakespeare e a capacidade profunda de compreensão do dramaturgo, suas falhas artísticas, sua exaltação de Julieta ou Rosalinda, seu estranho fracasso com duas Pórcias diferentes, talvez com seu erro com Jéssica e com a curiosa misoginia patente nos sonetos. Apesar de suas heroínas, Shakespeare parece muito à vontade com sentimentos que condenam as mulheres ou mostram-nas como perversas” (p. 349).

De resto, nem a profusão de documentos convocados por Honan consegue resolver alguns dos problemas que se colocam para os estudiosos de Shakespeare, como a

questão sobre qual teria sido, exatamente, a sua primeira peça. E nem toda a bem tramada composição de Honan consegue chegar perto do mais intrigante dos mistérios. Apesar do título, o livro nos transporta, antes de mais nada, para um tempo ali reconstituído em pormenores. Quase diria um tempo dramatizado. A vida, porém, escapa. Resta-nos repetir com Honan: “no fim, contudo, Shakespeare não será definido e nem categorizado de forma mais fechada do que qualquer de seus sonetos e peças”.

Não deixa de ser um ganho. Se o mistério não se deixa desvendar, fiquemos com o desenho possível que nos apresenta um homem de teatro, atuando em papéis secundários, mas criando peças com sensibilidade e conhecimento de palco, bem como das vicissitudes da atividade teatral de seu tempo; um homem comedido, não dado à vida boêmia (por temperamento, dedicação ao ofício ou economia?); alguém que soube aproveitar os rendimentos auferidos com dificuldade, atingindo condição econômica confortável que lhe permitiu assegurar o reconhecimento de seus concidadãos, ao investir em Stratford.

Tudo isso, mais árvore genealógica, condições de existência e de trabalho, família, amigos e protetores não revelam muito o dramaturgo extraordinário, o autor capaz de traduzir, de forma genial, as emoções do homem moderno. A personalidade de que se pretendeu fazer assunto implícito de todos os capítulos não será reconstruída com a limpidez de traço que nos devolveu os teatros, as casas, as ruas e os homens comuns da Inglaterra elisabetana. Cercado por todos os lados, o bardo, mais uma vez, parece inapreensível.

